

Pensando o trauma e a beleza*

Leopold Nosek**

Eu estava pensando por onde iria começar e me lembrei de um livro que foi importante na minha adolescência. Acho que todos da minha geração devem ter lido *O apanhador no campo de centeio*, do Salinger (1999). O personagem é um adolescente atrapalhado, como nós também éramos naquela época. Ele não se adapta a nada, mas sonha com algo que gostaria de fazer para o resto da vida. Anseia estar num campo de centeio, aonde as crianças iriam brincar; o campo é vasto, porém termina num abismo. Seu trabalho seria ficar perto do abismo e, sempre que as crianças se aproximassem perigosamente desse lugar, ele as levaria de volta para um ponto seguro. De certa forma, penso que essa estória quase constitui uma metáfora da função analítica, porque, na minha opinião, aquilo que mais tememos não é a mudança nem tampouco o novo, e sim o abismo. O abismo é o local onde ficamos completamente desamparados, carentes de representação. Essa reflexão e o trabalho desses anos me levaram a perceber isso, e abordarei nesta palestra o terror na vida cotidiana, porque não vou falar de fenômenos explosivos e grandiosos como o Holocausto, a guerra do Camboja, a própria violência da periferia da cidade de São Paulo.

Vou tentar falar sobre como o abismo está no nosso cotidiano, no consultório, no dia-a-dia de trabalho. O que nos faz sentir amparados e humanizados são representações, narrativas e, fundamentalmente, sonhos que serão o contraponto do abismo, da atuação sem mediações e, portanto, da violência. A violência só é possível num processo de desumanização. Só quando os judeus foram desumanizados, na visão do perpetrador, o Holocausto se tornou possível. Só quando os palestinos ou os opositores do regime de Phnom Penh e de Pol Pot são vistos como não-pessoas é possível haver a violência contra eles. Somente quando olhamos os nossos semelhantes da periferia da cidade de São Paulo, das cidades do Brasil, e não enxergamos nelas uma outra face correspondente à nossa, à qual atribuímos sentido, é só nesse momento que pode ocorrer a violência. O contraponto da violência então é o sentido. A violência do Holocausto judeu tem uma característica par-

ticular que é o nível de industrialização em que ela se deu, convertendo-se numa máquina de morte – diferente até do Holocausto do Camboja –, porque tem números, tem contabilidade, tem horário de trem, é um processo de produção, como qualquer outro, um processo de distribuição dentro de uma fábrica: a fábrica é aqui, leva-se isso ali, o horário é tal... Mas como se chega a um processo desses em que seres humanos são coisas que podem ser tratadas como *commodities*? Num livro notável sobre o Holocausto, *Holocausto e modernidade*, Bauman e Pencil (1998) fazem uma análise de como isso só seria possível numa sociedade altamente organizada no plano da produção de mercadorias. No processo de produção de mercadorias, as coisas se vendem e se compram, tudo está submetido à lógica do lucro. O próprio trabalho vira uma *commodity*, as pessoas também viram *commodities*, o tempo delas é fatiado, tem valores, e então não se tem tempo para perder. A radicalização disso é tal que hoje ninguém trabalha quarenta horas semanais, a despeito do direito conquistado pelos trabalhadores, no começo do século passado. Assim, ou não se trabalha ou trabalha-se todo o tempo. E depois de trabalhar você tem que correr uma maratona para estar dentro do peso padrão. Esses se tornam padrões definidores. Nesse esquema, deixamos de ter o tempo necessário, não só para a reflexão, como também para o devaneio onírico, para produzir as representações que vão dar conta do abismo. O antídoto do abismo é a aquisição de sentido. Precisamos de sentido o tempo todo. Talvez tenhamos neurônios em demasia, por isso talvez tenhamos perdido o automatismo de uma abelha, por exemplo. Uma abelha sabe, sem precisar “pensar”, como vai construir a colméia, fabricar o mel, a quem vai defender, quem vai colher, quem é soldado, quem não é. O cavalo, da mesma forma, nasce e já está de pé dois minutos mais tarde. Nossos neurônios a mais nos fizeram perder o paraíso. Com isso posso supor que se perde o paraíso quando se perde o estado de natureza, por cujo retorno depois ansiamos. Então, de imediato, temos um corpo que produz anseios, desejos, inquietações, problematizações, aos quais precisamos dar sentido. Também é assim

* Trabalho apresentado no ciclo de conferências “Pensando o trauma e a violência política”, organizado por Leopold Nosek em colaboração com a diretoria científica da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, 5 e 6 de agosto de 2005.

** Psicanalista pela Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

com os desafios que o mundo nos apresenta. O sentido, porém, nunca é suficiente. Utilizando uma terminologia psicanalítica, ou estamos fazendo uso de memórias prévias para lidar com o dia de hoje – e aí se está sofrendo de reminiscências, dentro então de uma esfera neurótica –, ou não temos referências – e aí estamos na esfera do trauma. Volto à definição de Freud do trauma, por ele entendido como um excesso de estimulação, um dado econômico, que não encontra trajeto de elaboração. E nesse trajeto de elaboração entra todo o conjunto da teorização psicanalítica. Se há uma pobreza de trajetos associativos, uma pobreza de trajetos oníricos, o mero encontro com uma pessoa pode ser traumático.

Olívio Tavares Araújo, que fez comigo a curadoria da exposição *Dor, forma, beleza* (2005), realizou um filme sobre travestis (*Profissão travesti*, 1982) e, num determinado momento, pergunta a um deles: “Você já amou?”. A câmera aí é muito feliz porque foca essa busca da interioridade; o travesti então pensa e responde: “Isso já me aconteceu uma vez e foi tão horrível que nunca mais eu quero passar por isso”. Há de fato uma carência de trajetos associativos e oníricos que dêem conta do que é o amor humano. De certa forma, não somos muito diferentes. As situações extremas fornecem paradigmas para pensarmos nosso dia-a-dia. Se déssemos conta do amor, não precisaríamos de novas canções a cada dia, novos poemas, novos filmes, novas representações para lidar com esse sentimento.

Eu cresci psicanaliticamente numa sociedade de psicanálise em que a formação é feita num tripé clássico: análise, supervisão e seminário. Uma outra coisa que para mim é muito forte na formação é o clima institucional em que estamos mergulhados. E eu sempre penso no “quadripé”, no clima institucional sobre o qual nunca refletimos. Chegamos a ter um clima em que o mundo exterior não contava, tudo era intrapsíquico e, quanto mais precoce, mais profundo. Outro clima, e nesse me formei, era que o que quer que o paciente trouxesse era passível de interpretação ou devia ser interpretado. Então devíamos procurar, numa vertente kleiniana, por exemplo, a angústia, a fantasia e a defesa, a cada trajeto associativo. Outra exigência persecutória, dentro dessa necessidade de atuação, era intervir com uma interpretação mutativa ao estilo de James Strachey, que mudaria toda a configuração. Infelizmente, para mim as coisas não aconteciam desse jeito, mas era nesse clima que eu ia me desenvolvendo.

Com o próprio Freud isso não foi assim porque em nenhum momento ele abandona a primeira teorização da angústia, em que a angústia é um excesso. Freud dá uma idéia, que é de certa forma tosca, do que é um excesso libidinal, tomando como exemplo o coito interrompido, e, então, a ausência de vida sexual se transformaria em angústia, noção que mais tarde será elaborada por ele com mais sofisticação. A seguir, Freud desenvolveu a idéia da angústia-sinal que já é correlata a uma fantasia inconsciente e, por-

tanto, tem figuração – e aí podemos falar da construção de um inconsciente, de uma estrutura complexa. Permanece, no entanto, a idéia de angústia que não tem configuração, que é uma angústia que só pode ser sentida como inundação, como trauma. Vários autores psicanalíticos a partir da década de 1970 trataram dessa questão. Laplanche vai tratar o traumático como pseudopulsão, algo que ainda não é propriamente da esfera do psíquico, mas que busca ganhar figurabilidade. Essa figurabilidade ou esse sentido analítico é dado por elementos oníricos e aí, quando isso não existe, não podemos falar propriamente de inconsciente. É algo explícito, mas não é consciente, porque o consciente, como o compreendemos, é criado simultaneamente ao inconsciente, tendo como limite uma barreira de sonhos que, de um lado, se situa no manifesto e, de outro, no latente. A metáfora, a tópica, é espacial. Nesse momento podemos fazer o trabalho clássico das neuroses de transferência, que não é o das neuroses traumáticas, não é o das neuroses atuais, nem das psicoses, mas que é atribuir uma correspondência, no consciente, aos sentidos que vêm num sonho, num ato falho, numa associação livre.

Pode-se dizer que Meltzer e Williams (1994) propõem outro campo quando tratam da estrutura bidimensional. Quando se tenta interpretar em nível simbólico uma pessoa, nessa configuração de não-representação, é como se estivéssemos lidando com uma interioridade que não existe, uma estrutura plana. Não atingimos nenhum tipo de comunicação, e as intervenções do analista são sentidas como violentas, pois é como se esgarçassem tal estrutura. É preciso haver um trabalho prévio para que possamos falar de estruturação e construção de uma interioridade que permita a interpretação, no sentido clínico. Bion (1962) fala a mesma coisa num outro conjunto teórico, o dos elementos beta, ao afirmar que eles precisam sofrer uma transformação através do Outro, da continência, da *rêverie*. Tangenciamos aqui um grande tema que é quem é continente do continente. As condições de uma cultura que permite a tranquilidade e a possibilidade da presença continente. André Green (1990), em uma conferência que fez no Brasil, também falou disso, ao se referir ao trajeto da construção das representações. Então vemos que Freud voltou ao que foi considerado tosco na psicanálise, a teoria da sedução, uma teoria de um excesso exterior, a qual ele retoma após a Primeira Guerra.

Mas nós somos obrigados a retornar a isso com muito mais radicalidade, porque o que Freud viu foi uma prévia do que veio posteriormente. Os níveis de violência extrapolaram muito. Somos herdeiros do Holocausto da Segunda Guerra e da possibilidade de destruir a humanidade várias vezes. Somos igualmente herdeiros de um poder globalizado que transforma o Brasil. Assim, podemos dizer que até os anos 1970 vivíamos num país cordial. Quando visitamos outros países com atraso maior, ainda encontramos essa cordialidade. Fazemos face a uma transformação silen-

ciosa. Mas essa transformação se deve a quê? As multinacionais têm poder de investimento maior do que o Estado, e este não nos dá retaguarda. No nosso meio, a segurança é privada, a do prédio, a da rua. Saúde e educação são privatizadas e o que não é privado está quase abandonado. Estamos órfãos do Estado porque atualmente o poder de investimento dos Estados é menor do que o das companhias privadas. As grandes verbas de pesquisa, para pegar alguma coisa da nossa área, vêm dos laboratórios. O poder de pesquisa do Estado é de tal forma limitado que ele se perde no meio das companhias de seguro, das companhias farmacêuticas. Hoje o que vemos nas revistas médicas é que qualquer pesquisa publicada tem que nomear quem investe dinheiro nela, porque é como se houvesse uma suspeita generalizada de corrupção. Nós psicanalistas não somos convidados a ir aos *resorts* quando uma droga nova é lançada no mercado, mas nossos colegas psiquiatras são, e eles vão em grupos, o que, é claro, gera “um certo amor” e uma certa gratidão, isto é, ao receitar um remédio, esse profissional vai se lembrar da experiência. Somos humanos. Ninguém nos leva ao Transamérica porque uma determinada escola kleiniana não leva, os lacanianos não levam, não temos esse poder de investimento. Ficamos contra a corrente ao permanecer estritamente na área do sentido humano. Tudo isso vai se transformando, todo esse desenvolvimento da pós-modernidade, com a queda do Muro, o triunfo das formas de produção, não levou nem ao fim da história nem ao estado de bem-estar. Mesmo na área da psiquiatria, esse tornar o humano *commodity*, desumano, é de tal ordem que, se identificamos seis sinais num *checklist* de onze, temos depressão. Quer dizer, a depressão, um estado complexo, palco de figurações em todas as expressões artísticas, filosóficas, culturais da humanidade, ficou reduzida a isso. Ela mesma é uma *commodity* no palco do mercado. Somos um grupo que tem o privilégio de poder, pelo menos em alguns âmbitos, pensar sobre isso.

Como disse, ainda que não queiramos, o mundo entra nos nossos consultórios, as patologias com que nos defrontamos hoje não são mais “essas maravilhosas construções estéticas que são os sintomas”, como Freud definiu. O que vemos é uma patologia da pobreza. A depressão é uma depressão sem sentido. Quem atende anorexia sabe da miséria associativa das sessões, da impossibilidade de atingir uma interioridade. Costumo dizer que não encontro obesidade no meu consultório... não existe *setting* que segure isso. As patologias *borderline* apresentam poucas associações e novas atuações de toda ordem. O mesmo acontece com a bulimia e com essa depressão sem sentido. Ou seja, nossa tarefa dá um salto da primeira para a segunda tópica. Não mais interpretamos um inconsciente construído. Mudamos o paradigma: vamos do ponto onde havia id para onde possa haver ego. Quer dizer, de onde havia natureza para onde possa haver cultura, sentido, humanidade enfim. É assim que leio esse desenvolvimento das tópicas de

Freud. Ou seja, vejo as transformações teóricas de Bion, Winnicott e de tantos outros, ao privilegiarem as relações que possibilitam a aquisição de sentido, como entendo pré-configuradas na obra de freudiana.

Aqui entra a continência da cultura. Eu apresentei um trabalho, dias atrás, mostrando a confecção dos tapetes, que são objetos do cotidiano cultural do Afeganistão, no decurso da guerra contra a União Soviética: como vão aparecendo figurações de apetrechos bélicos, como mais adiante no confronto tais apetrechos ocupam o tapete inteiro, começam a aparecer histórias da guerra, histórias de uma aldeia destruída, até que, por fim, no exílio, os tapetes já são feitos para os americanos verem. Na seqüência aparecem a destruição do World Trade Center e a bandeira americana. Aquilo deixa de ter a configuração da cultura e o que lhes servia de tapete de oração, de cobertura de travesseiro, ou algo do cotidiano, se transforma num item mercadológico desfigurado da possibilidade de fazer referência ao dia-a-dia.

A necessidade de sustentação da cultura, da possibilidade de estruturar representações é tão essencial que em nenhum momento toleramos objetos de pura utilidade. Um índio é incapaz de fazer uma flecha que apenas mate a caça; ele vai colocar adornos na flecha, vai ter que humanizá-la. Nós não compramos nenhum objeto sem olhar o design dele. Se não se leva o humano ao que se encontra pela frente, a coisa se torna de uma frieza inabitável. Por outro lado, quando não conseguimos ganhar representação para a interioridade, temos que recorrer ao externo, pois a própria interioridade é insuportável. Nesse sentido, o sonho é totalmente essencial para dar conta do paradoxo. O sono também, porque depois de três dias sem dormir instala-se a psicose. Agüentamos não sei quantos dias sem comer. As pessoas chegam à radicalidade da greve de fome, mas uma greve de sono seria radical demais porque, a partir do segundo dia, ela se converteria numa forma de tortura insuportável. Então o sono e o sonho fazem o quê? Dentro do trajeto que estou tentando traçar, dormimos todos os dias para dar conta da neurose traumática do dia que passou, para dar uma representação a ela – uma representação que repousará no inconsciente e será acessível no consciente.

Pensando assim, me ocorreu a idéia de organizar uma exposição de arte. Fiz a proposta à Pinacoteca do Estado, que a aceitou, e a fiz porque acredito que a arte é exatamente isso: ela precede o conceito, ela dá representação às formas de viver. O meu desejo era fazer uma exposição não com obras já conceituais, que contêm uma idéia prévia, mas com obras que vão mapeando o trajeto do informe para a forma. Essa exposição começou com o título de *Terror e representação* e, depois, com a partir com Olívio Tavares de Araújo, um curador profissional com quem já trabalhei várias vezes, foi chamada de *Dor, forma, beleza*. A palavra “beleza” também causou certo mal-estar porque parecia que a arte seria tomada como beleza, mas eu me aquietei

com o título, lembrando de Meltzer e Williams (1994), para os quais o belo é a percepção, o sentimento que a criança tem de visualizar o rosto da mãe que a compreende. Então, do mesmo modo, achamos bonita uma obra de arte quando ela nos compreende, quando ela nos representa. Se eu quero me apresentar para alguém, um dos meios de que posso me utilizar para fazer isso é mostrar as músicas de que gosto, os poemas que fazem sentido para mim. É uma maneira de eu me apresentar porque essas coisas me representam. Assim, o belo é o que nos representa e não o que nos aquietam. Inclusive, no trajeto dessa exposição, a impressão que tenho, e que as pessoas têm, é de que elas não saem com uma sensação de deleite, de que fizeram um lindo passeio: elas saem angustiadas, mas também menos informes, criando uma possibilidade reflexiva.

Vou dar uma visão geral da exposição. Temos o quadro de Oswaldo Goeldi, um gravador importante. Escolhi mostrar em particular a gravura de um ser humano no meio de uma tempestade em que nada mais está no lugar e onde não se percebe a base ou um caminho. Isso já é uma explicação, é melhor visualizar e se deixar impregnar pelo conteúdo emocional representativo. Apesar de tratar de certa ruptura, esta obra está em suporte clássico. Está enquadrada, está emoldurada.

Outra possibilidade de apresentar a exposição é pela obra de Cildo Meireles (Figura 1), que vem a ser uma performance realizada nos anos da ditadura militar. Em uma praça pública de Belo Horizonte, ele amarrou uma série de galinhas e ateou fogo nelas, numa referência à brutalidade praticada naqueles dias e aos trajetos associativos do tempo da Inquisição. A presença do espectador já é requerida de outro modo. Não há a tranqüilidade da moldura.



Figura 1. Tiradentes: Totem-Monumento, Belo Horizonte, 1970

Na mesma linha, temos a obra de Artur Barrio (Figura 2), que fez trouxas de carne e as jogou num rio, a fim de que surpreendessem quem as encontrasse. As pessoas não eram intencionalmente espectadores, contudo, ao depararem com essa “intervenção”, teriam que dar algum destino a ela, algum trajeto de reflexão se impunha.



Figura 2. Trouxas atiradas no rio Arrudas, Belo Horizonte, 1970

Os trajetos da exposição foram múltiplos e os artistas também. Quero finalizar com Iberê Camargo, de quem escolhemos as três últimas obras. Trata-se de um artista de grande peso emocional, cujo gesto pictórico entranha a obra e pelo qual somos levados ao limite da possibilidade de apreensão, que é o mistério da morte. Último abismo, inevitável e permanentemente impossibilitado de forma expressiva.

Abrindo e finalizando a exposição, temos exemplares de *body-art*. Para mim, eles se assemelham a algo como homens-bomba da estética, em que o autor não se furta a sacrifícios que dêem conta da expressividade que quer obter. Algumas vezes vemos em casos *borderline* condutas de automutilação, cortes múltiplos. Dar-lhes um sentido suicida é um equívoco total, pois são muito mais tentativas de sobre o corpo promover um sentido, sem o qual se configura o abismo.

O que chamamos de autoflagelação seria então apenas nossa visão projetada; seus autores obtêm com o gesto um alívio e um passo a mais no seu trajeto de humanização.

Agradeço a todos e em particular aos meus companheiros desta jornada.

Referências

- Bauman, Z., & Pencil, M. (1998). *Modernidade e holocausto*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bion, W. R. (1962). *Learning from experience*. London: Heinemann.
- Freud, S. (1972). A interpretação dos sonhos. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 19, pp. 13-83). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1900).
- Freud, S. (1976). O ego e o id. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vols. 4/5). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923).
- Green, A. (1990). *Conferências brasileiras de André Green: Metapsicologia dos limites*. Rio de Janeiro: Imago.
- Meltzer, D. W., & Williams, M. H. (1994). *A apreensão do belo*. Rio de Janeiro: Imago.
- Salinger, J. D. (1999). *O apanhador no campo de centeio*. Rio de Janeiro: Editora do Autor.

Resumo

Este artigo pretende apresentar os pressupostos de origem psicanalítica que inspiraram a exposição *Dor, forma, beleza*, realizada de junho a setembro de 2005, na Pinacoteca do Estado de São Paulo. Em ambos os casos privilegia-se como angústia básica “o abismo”, momento sem representação (em que ainda não há construção onírica), portanto, sem delimitação do território do consciente e do inconsciente. A partir disso, o projeto principal da psicanálise não seria tornar o inconsciente consciente, mas sim permitir a passagem do estado de natureza para cultura. A passagem da dor para a forma marca a figuração que essa exposição buscou.

Palavras-chave

Abismo. Beleza. Dor. Forma. Sonho. Trauma.

Summary

Thinking trauma and beauty

This article intends to present the psychoanalytical assumptions that inspired the *Dor, forma, beleza* (“Pain, Form, Beauty”) exhibit, presented from June to September 2005 at the Pinacoteca do Estado de São Paulo. They both focus on the “abyss” as a basic anxiety, a moment without representation (where there is no oniric construction yet) and so the territory of the conscious and the unconscious is not yet outlined. Psychoanalysis’ main project then would not be to turn the unconscious into conscious, but to allow the passage from a state of nature to culture. The passage from pain into form marks the figuration sought by this exhibit.

Key-words

Abyss. Beauty. Pain. Form. Dream. Trauma.